

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 17 • 2009



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2009

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Bristol, Reino Unido)
- Professor Doutor Jean Guilaine (Collège de France, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Jorge de Alarcão (Universidade de Coimbra)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 17 • 2009

ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

**VOLUME COMEMORATIVO DO
XX ANIVERSÁRIO**

do

**Centro de Estudos Arqueológicos
do Concelho de Oeiras**

(Câmara Municipal de Oeiras)

1988 - 2008

Editor Científico:
João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2009

O POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DO CARRASCAL (OEIRAS) E OS RITUAIS ASSOCIADOS A GRANDES BOVÍDEOS

João Luís Cardoso¹

1. INTRODUÇÃO E SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

O povoado pré-histórico do Carrascal foi identificado pelo Eng. A. M. Monge Soares, que, tendo comunicado a sua existência ao signatário, bem como o conjunto dos materiais recolhidos à superfície, possibilitou uma primeira nota, publicada em número anterior desta revista (CARDOSO, 1997/1998). Com base nos espólios então recolhidos, enriquecidos por outros, entretanto obtidos nas escavações efectuadas na zona em causa, em 2001 e 2002 (elementos ainda inéditos), foi possível identificar dois conjuntos distintos, um pertencente ao Neolítico Final, sendo o outro já de época tardia dentro do complexo campaniforme regional, já que se encontra dominado pelas decorações incisas. Esta realidade evoca padrão de ocupação reconhecido em outras estações da baixa península de Lisboa, denotando estratégias de exploração dos recursos semelhantes, evidenciadas pela ocupação de sítios de encosta, de solos propícios à agricultura e nas proximidades de linhas de água.

Com efeito, o local em causa corresponde a um trecho da encosta direita do vale da ribeira de Barcarena, de pendor suave, cuja altitude varia entre os 74 e os 78 m, da qual dista cerca de 250 m em linha recta, situando-se a cerca de 500 m para jusante do esporão onde se implantou o povoado pré-histórico de Leceia. As suas coordenadas são as seguintes, lidas na Carta Militar de Portugal à escala de 1/ 25 000, Folha 430 – Oeiras (Lisboa, Serviços Cartográficos do Exército):

38° 43' 29'' Latitude Norte; 9° 16' 39'' Longitude Oeste de Greewich.

A proximidade do povoado pré-histórico de Leceia, cuja primeira ocupação remonta exactamente ao Neolítico Final, torna admissível a hipótese de os últimos habitantes do vasto povoado aberto do Neolítico Final do Carrascal o tenham abandonado, a favor daquele local, que oferecia boas condições naturais de defesa. Esta realidade, consubstanciada pela generalizada procura de sítios altos e defensáveis no decurso do Neolítico Final, encontra-se, aliás, também bem evidenciada a nível regional. Veremos se o estudo detalhado dos espólios do Carrascal permitem identificar algumas diferenças face aos exumados em Leceia, susceptíveis de lhes conferirem uma maior antiguidade.

Entre 2003 e 2005 realizaram-se mais três campanhas de escavações, noutras locais da estação, assinalados na Fig. 1. Esta opção foi determinada pelo proprietário do terreno investigado em 2001 e em 2002 ali não ter permitido a continuação dos trabalhos. Neste novo sector da estação, então ainda por identificar, reconheceu-se o

¹ Professor Catedrático de Pré-História e Arqueologia da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

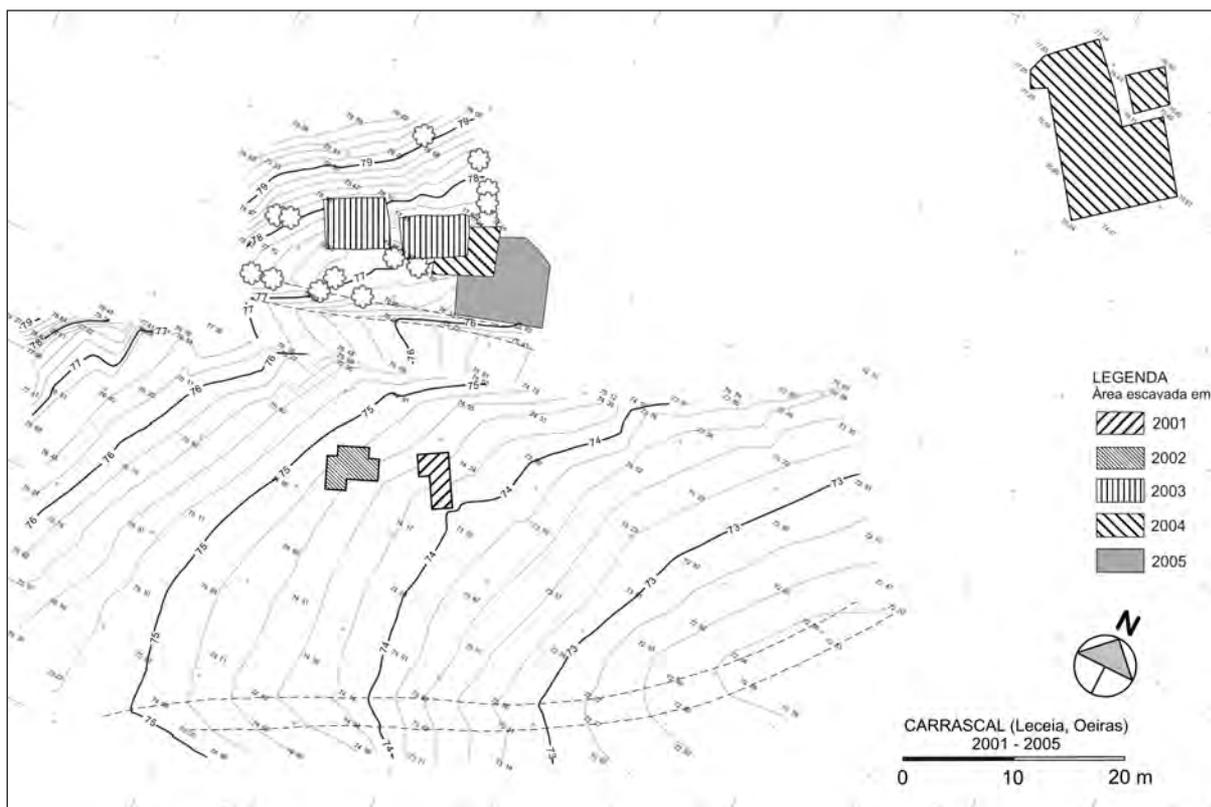


Fig. 1 – Povoado pré-histórico do Carrascal. Localização dos sectores escavados entre 2001 e 2005.

prolongamento da ocupação do Neolítico Final, sobreposta por materiais dispersos, de época calcolítica. Tais explorações vieram evidenciar a existência de uma ocupação humana mais antiga, remontando ao Neolítico Antigo, a qual, pelo seu interesse, foi já dada a conhecer, com base no espólio exumado em 2003 (CARDOSO, SILVA & SOARES, 2008). Foi num sector escavado em 2004 situado a nascente do local onde se concentravam os testemunhos do Neolítico Antigo, que se vieram a explorar duas fossas escavadas na rocha, as quais, pelos resultados obtidos, justificam a presente publicação.

2. AS FOSSAS ESCAVADAS NA ROCHA: CARACTERÍSTICAS, CRONOLOGIA, CONTEXTOS E SIGNIFICADO

O sector da estação onde se localizam as duas estruturas objecto deste estudo, é o mais oriental da mesma (Fig. 1), e apresentava diversos afloramentos calcários, emergindo do solo, sendo assim plausível que, entre as anfractuosidades rochosas, se pudessem encontrar depósitos arqueológicos, designadamente do Neolítico Antigo, cuja existência havia sido comprovada, desde 2003, no sector ocidental. Foi este o motivo principal que levou à sua investigação. Em conformidade, procedeu-se a escavação em extensão, dada a pequena profundidade do substrato, a qual não ultrapassava em geral 0,20 m (Fig. 2).

Os resultados não confirmaram as expectativas; os materiais recolhidos apresentavam-se dispersos e remobilizados, pertencendo alguns ao Neolítico Antigo, outros ao Neolítico Final ou já ao Calcolítico, sem se poderem relacionar com nenhuma estrutura arqueológica, com excepção dos oriundos das duas estruturas negativas em



Fig. 2 – Povoado pré-histórico do Carrascal. Vista parcial do sector oriental da estação, escavado em 2004. Os dois silos escavados no substrato geológico, situam-se na parte mais alta da escavação, em segundo plano. Foto J. L. Cardoso.

apreço, as quais, localizadas na zona mais setentrional do sector escavado, distam entre si cerca de 2,0 m (Fig. 3).

As suas características geométricas, cronologias e respectivos contextos apresentavam-se distintos (Fig. 4). Ambas foram consideradas na categoria genérica das “fossas”, o que não exclui a hipótese, muito provável, que a sua função primária fosse o armazenamento de produtos resultantes da agricultura (silos), tendo presentes as evidentes semelhanças com estruturas de diversas épocas e com tal finalidade (ver, p. ex., CARDOSO, 2006). Optou-se, pois, por uma designação meramente morfológica e não funcional.

Fossa 1

A Fossa 1, muito irregular, encontrava-se delimitada de um dos lados por um conjunto de blocos rochosos naturais, correspondentes a afloramento, os quais foram escavados ao longo do seu limite, obtendo-se uma depressão irregular, com fundo aplanado, e uma profundidade máxima de cerca de 1,0 m. Os materiais exumados foram, essencialmente constituídos por restos de alimentação (dominando as centenas de valvas de *Patella* sp.), indício da sua reutilização final como lixeira, como, aliás, é frequente em tais tipos de estruturas. Apenas se recolheram dois artefactos, um fragmento de lâmina retocada de sílex acinzentado, de origem local e uma fina agulha de osso, muito bem polida, com ambas as extremidades em falta (Fig. 6, n.º 1 e 2).

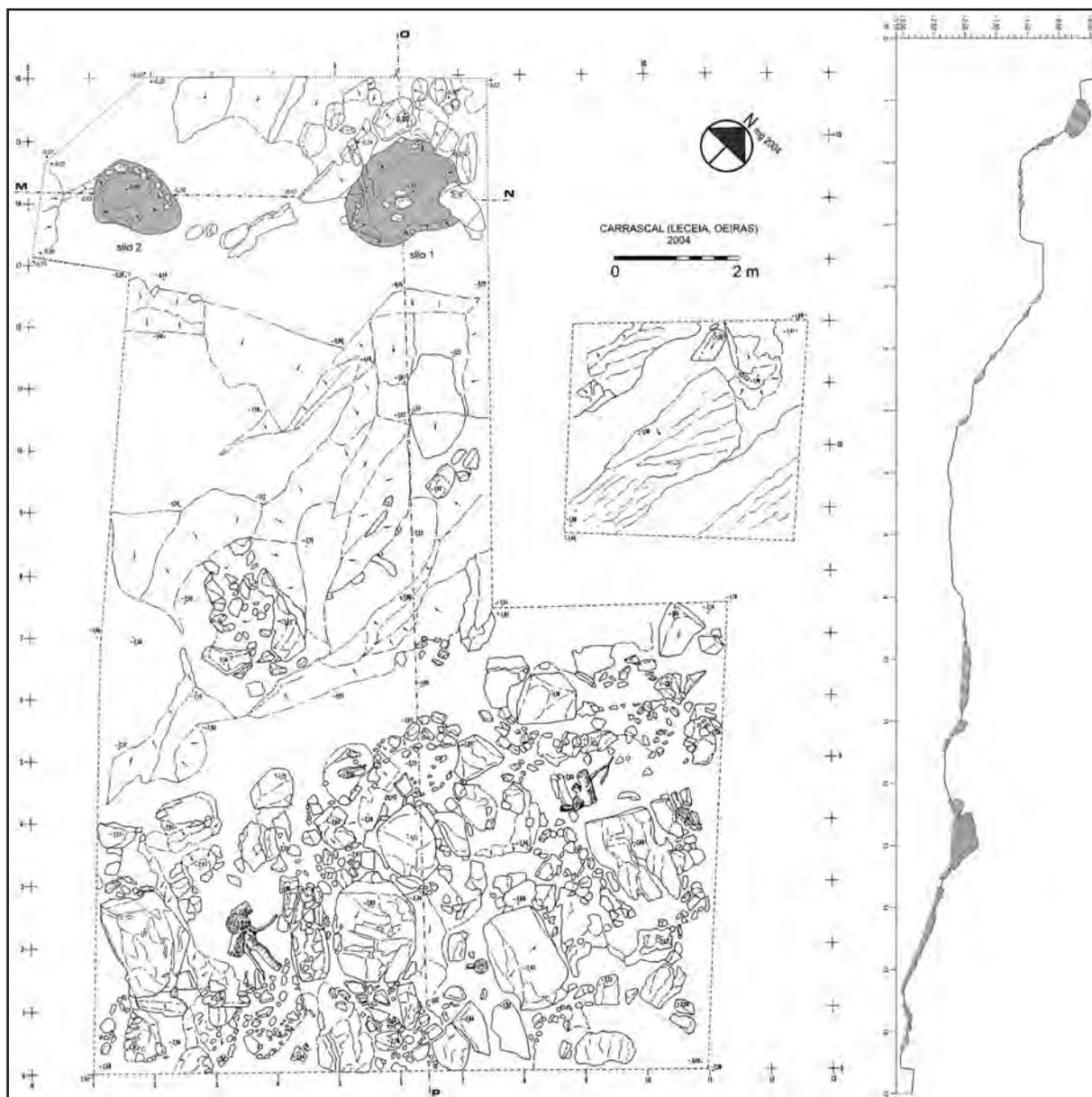


Fig. 3 – Povoado pré-histórico do Carrascal. Planta do sector oriental da estação, escavado em 2004. A “grise”, as únicas estruturas identificadas, o Silo 1, à direita, e o Silo 2, à esquerda. Desenho de B. Ferreira.

Obteve-se uma datação de radiocarbono sobre restos ósseos, cujo resultado foi o seguinte:

Sac-1985 – 4340 ± 110 BP

Este resultado, depois de calibrado fazendo uso do programa CALIB 5.0 (STUIVER & REIMER, 1993, *Radiocarbon*, 35, p. 213-230) e com base na curva de calibração de REIMER *et al.* (*Radiocarbon*, 46, 2004, p. 1029-1058), conduziu aos seguintes intervalos, para 2 σ :

3351-2836 cal BC; 2816-2670 cal BC.



Fig. 5 – Povoado pré-histórico do Carrascal. Vista parcial do sector oriental da estação escavado em 2004, com as duas estruturas nele identificadas, a Fossa 1, em segundo plano, e a Fossa 2, em primeiro plano. Note-se, no fundo desta última, em posição horizontal, uma das duas hemimandíbulas de boi doméstico identificadas. Foto J. L. Cardoso.

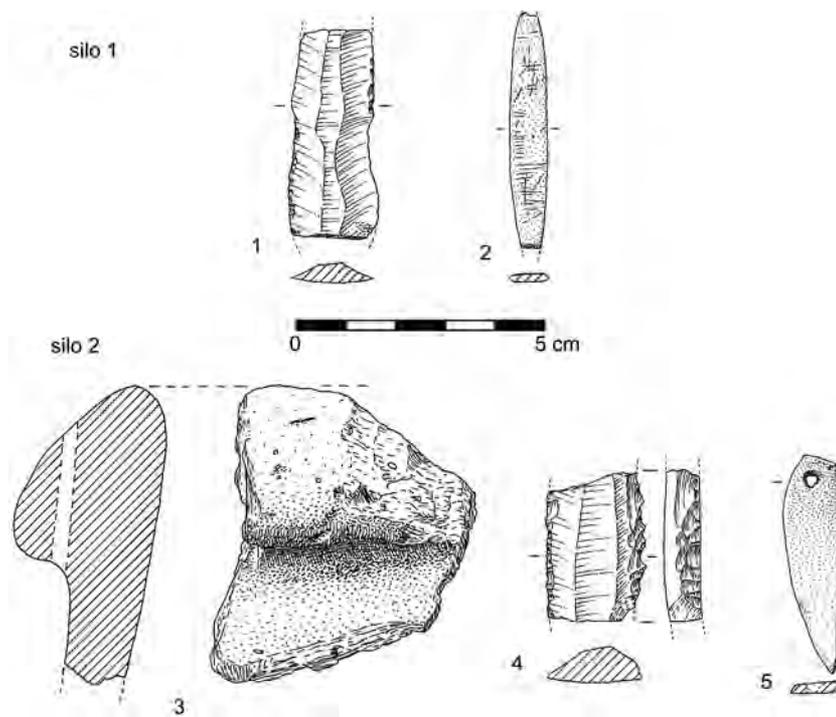


Fig. 6 – Povoado pré-histórico do Carrascal. Materiais arqueológicos recuperados nas Fossas 1 e 2. Desenho de B. Ferreira.



Fig. 7 – Povoado pré-histórico do Carrascal. Pormenor do fundo da Fossa 2, observando-se duas porções de hemimandíbulas de boi doméstico, dispostas paralelamente, na horizontal, para lados opostos. Foto J. L. Cardoso.

Os escassos materiais arqueológicos que foram recuperados do enchimento da estrutura são heterogéneos, o que reforça a conclusão de ser a sua associação acidental, condizente com a natureza da reutilização. Trata-se de um fragmento de bordo de grande esférico (vaso de provisões), com vestígios de uma perfuração destinada à manipulação do recipiente, por meio de uma pega de corda ou de couro; de um fragmento de lâmina retocada e denticulada de sílex acinzentado, de origem local, idêntica à recolhida no Silo 1; e de um raro pendente alongado, sobre concha recortada, munido de pequeno furo de suspensão junto a uma das extremidades, terminando a outra em ponta (Fig. 6, nº. 3, 4 e 5).

Obteve-se uma datação de radiocarbono sobre restos ósseos, cujo resultado foi o seguinte:

Sac-1987 – 3920 ± 50 BP

Este resultado, depois de calibrado fazendo uso do programa CALIB 5.0 (STUIVER & REIMER, 1993, *Radiocarbon*, 35, p. 213-230) e com base na curva de calibração de REIMER *et al.* (*Radiocarbon*, 46, 2004, p. 1029-1058), conduziu aos seguintes intervalos, para 2 *sigma*:

2568-2519 cal BC; 2499-2281 cal BC; 2249-2231 cal BC; 2218-2212 cal BC..

Deste modo, é lícito atribuir a estrutura, ou pelo menos a sua reutilização, ao Calcolítico Pleno. Sendo assim, importa desde já registar que a cronologia da Fossa 1 é estatisticamente distinta da obtida para a Fossa 2, apesar da proximidade entre ambas. Porém, a diferença de conteúdos observados, pode reflectir a diacronia da respectiva reutilização. Como se disse, enquanto no Silo 1 o enchimento era constituído, essencialmente, por conchas de lapa, resultantes de uma ou várias refeições cujos restos foram ali despejados, já no Silo 2 o enchimento era constituído sobretudo por restos de mamíferos, cujo inventário é o seguinte:

Bos taurus

- 1 – Hemimandíbula esquerda (Fig. 7, 8), com fractura antiga e intencional no diastema, conservando a série P/4 a M/3, com desgaste fraco. A esta peça deverá pertencer porção do ramo ascendente mandibular, fracturado aquando da sua extracção.
- 2 – Hemimandíbula direita, com fractura antiga e intencional no diastema, conservando a série P/2 a M/2 com desgaste médio, superior ao da anterior (Fig. 9), não devendo pertencer ao mesmo indivíduo.
- 3 – 4 incisivos e um fragmento de diastema esquerdo, com vestígios de fogo, compatível com a peça 1 (Fig. 7).
- 4 – Porção de diastema de hemimandíbula esquerda, com P/2 (é incompatível com a peça 1, mas compatível com a peça 2, embora do lado oposto).
- 5 – M/2 d e M/3 d, talvez do mesmo indivíduo.
- 6 – Dois molares superiores indeterminados, com fracturas recentes.
- 7 – Diversos fragmentos cranianos, incluindo porção de orbital.
- 8 – Dois fragmentos de omoplata, de lados indeterminados.
- 9 – Porção de articulação distal de humero direito.
- 10 – Porção proximal de diáfise de rádio direito de subadulto, com falta da superfície articular.
- 11 – Esquírola de osso longo (rádio?), com marcas de corte.
- 12 – Extremidade proximal de cúbito esquerdo de indivíduo subadulto.
- 13 – Primeira falange de pequenas dimensões.

Capra hircus/Ovis aries

- 1 – Uma vértebra cervical e uma vértebra dorsal, ambas incompletas.
- 2 – Dois fragmentos de pélvis, de lados opostos.

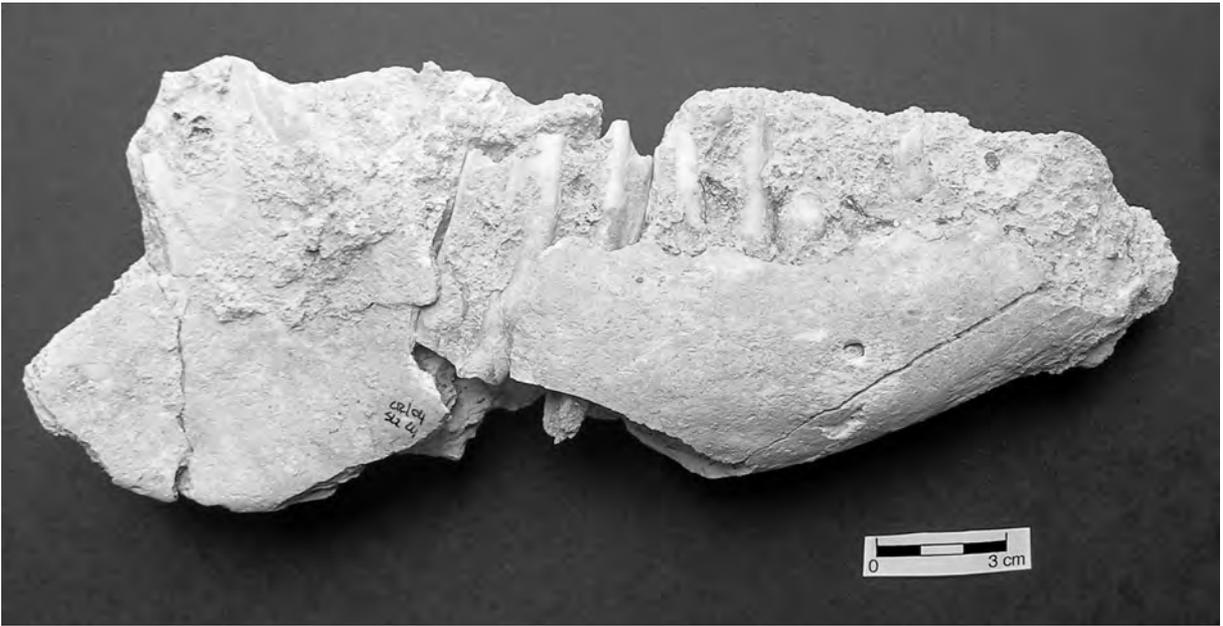


Fig. 8 – Povoado pré-histórico do Carrascal. Porção de hemimandíbula esquerda de boi doméstico, visível na Fig. 7, recolhida no fundo da Fossa 2. Foto J. L. Cardoso.



Fig. 9 – Povoado pré-histórico do Carrascal. Porção de hemimandíbula direita de boi doméstico, fracturada intencionalmente no diastema, como a da figura anterior, recolhida na Fossa 2, a um nível superior ao da anterior. Foto J.L. Cardoso.

- 3 – Porção de costela.
- 4 – Esquírola de humero esquerdo, conservando parte da superfície articular distal.
- 5 – Diáfise de tibia de lado indeterminado.
- 6 – Metade distal de tibia, partida intencionalmente na diáfise.

Sus sp.

- 1 – D/3 esquerdo com desgaste fraco.
- 2 – Porção de calcâneo esquerdo, com marcas de fogo.

No conjunto, o espólio osteológico recolhido na Fossa 2 é compatível com despejos domésticos alimentares, o que reforça a reutilização da estrutura como lixeira.

Avulta a importância quase exclusiva do consumo de grandes bovinos, aliás reforçada caso se considere o peso de cada animal, comparativamente aos restos das restantes espécies identificadas, a ovelha/cabra e os suídeos.

Face ao exposto, são desde já possíveis várias constatações, no respeitante às duas estruturas encontradas no decurso da campanha de 2004 no povoado pré-histórico do Carrascal:

1 – Ambas se implantam em área periférica do vasto povoado do Neolítico Final que ocupou um sector da meia-encosta direita do vale da ribeira de Barcarena e a curta distância entre si, o que sugere estreitas relações funcionais, correspondentes à acumulação de despejos domésticos na última fase da sua utilização, num caso dominados por restos malacológicos (Fossa 1), no outro por fauna mamalógica (Fossa 2).

2 – As cronologias absolutas para as reutilizações aludidas são distintas, remontando a mais antiga, identificada na Fossa 1, ao Neolítico Final/Calcolítico Inicial e a mais moderna, correspondente à Fossa 2, ao Calcolítico Pleno, época para a qual não se reconheceram indícios significativos da presença humana na área arqueológica envolvente.

3 – A atribuição da funcionalidade das duas estruturas teria ficado circunscrita estritamente ao domínio doméstico, não fosse a identificação, na parte mais profunda de uma delas (Fossa 2), da deposição intencional de dois segmentos de duas hemimandíbulas, uma esquerda, outra direita, orientados paralelamente para lados opostos. Era óbvia que tal deposição fora intencional, relacionando-se com o estatuto especial atribuído aos grandes bovídeos no decurso da Pré-História, decorrente da grande importância económica que detinham na economia agro-pastoril, de cujo sucesso dependia a sobrevivência das próprias populações que a praticavam. No caso presente, mais do que um ritual de fundação, hipótese descabida, dada a reutilização que de imediato fora dada à correspondente estrutura, é provável que o cuidado da deposição de, pelo menos, dois dos restos identificados de grandes bovídeos, espelhasse a importância da espécie, no quadro económico da época. Importava, pois, recolher elementos comparativos susceptíveis de conferir a esta observação a sua inquestionável dimensão cultural.

3. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

No campo dos rituais fundacionais, a utilização de bovídeos tem um dos mais expressivos testemunhos em Portugal, identificado e detalhadamente descrito por Afonso do Paço, no povoado calcolítico fortificado de Vila Nova de S. Pedro, Azambuja, ao qual, na época, e mesmo depois dela, não foi dada a devida importância. Com efeito, não obstante A. do Paço ter identificado correctamente os vestígios exumados, como correspondentes a uma cerimónia fundacional, o respectivo artigo foi intitulado, simplesmente “Uma vasilha de barro, de grandes

dimensões, do “castro” de Vila-Nova-de-São Pedro” (PAÇO, 1943), evidenciando que a importância daquela descoberta não fora completamente apreendida. Não obstante, a reconstituição da cerimónia foi apresentada detalhadamente pelo próprio, correspondendo à seguinte sequência:

- 1 – Escavação do subsolo, de grandes dimensões, que atingiu 2,60 metros na parte mais profunda, contados a partir da actual superfície do terreno, delimitada de dois lados por uma linha de pedras. A camada arqueológica correspondia aos 0,60 metros superiores do enchimento; esta escavação foi, depois de cumpridos os preceitos rituais que estiveram na origem da sua execução, colmatada por depósito compacto de barro amassado, formando enchimento que atingia, portanto, cerca de 2 metros de espessura máxima;
- 2 – Antes de se ter procedido ao aludido enchimento, depositou-se, na parte mais funda da escavação, um bovino, disposto na direcção Norte-Sul, e talvez outros animais, tendo presentes os restos de veado, porco/ /javali e cabra/ovelha encontrados nesse nível; encontrou-se também uma valva de *Pecten* sp. (vieira), uma faca e um raspador, bem como fragmentos de mais “duas ou três vasilhas”;
- 3 – Junto aos corpos desses animais, sacrificados na ocasião, fez-se uma fogueira, bem visível do lado da cabeça do bovino, e colocou-se ao lado um recipiente liso;
- 4 – Por cima do conjunto anterior, despejou-se barro amassado, atingindo cerca de 0,50 metros de espessura, não se encontrando a fogueira completamente extinta, como se deduz dos fragmentos de carvões encontrados;
- 5 – Sobre esta primeira camada de barro amassado, e na vertical da barriga do bovino, colocou-se uma grande taça lisa, com 0,38 m de altura e 0,58 m de diâmetro, assente em pequenas pedras, que circundavam lateralmente todo o recipiente. No interior, recolheram-se pequenos fragmentos cerâmicos, uma valva de amêijoia e “restos” de machado de pedra polida;
- 6 – As pequenas pedras que circundavam o recipiente cobriam-no também, formando uma espécie de carapaça que o protegia por todos os lados;
- 7 – A colmatação da escavação continuou com barro amassado, conjuntamente com materiais arqueológicos fragmentados, que se misturaram com a argamassa, casual ou intencionalmente, atingindo este depósito a altura de cerca de 1 m acima do bordo da taça;
- 8 – Do lado oriental da escavação, e dentro dela, que ali atingia menor profundidade, encontraram-se restos de outro bovino, aparentemente depositado ao mesmo tempo do anterior e relacionando-se assim com idêntico momento do ritual.

Como muito bem observou A. do Paço, estes testemunhos correspondem a “uma cerimónia religiosa, praticada certamente no princípio, talvez uma consagração do local levada a cabo pelos habitantes do “castelo” quando ali se estabeleceram (...)” (PAÇO, 1943, p. 143). A localização destes vestígios, no contexto da fortificação calcolítica que ulteriormente ali se pôs a descoberto, corresponde a área situada no exterior do reduto central, entre este e a segunda linha muralhada; no entanto, a ocorrência de materiais arqueológicos fragmentados, de mistura com o depósito de barro amassado, faz admitir que esta cerimónia não correspondesse exactamente ao início da ocupação do sítio, mas a etapa em que se procurou sacralizar o povoado, ou uma área ainda não ocupada deste.

Este exemplo difere da realidade identificada no Carrascal, pois aqui, ainda que a deposição de restos de bovino tenha sido efectuada em escavação efectuada no subsolo, esta poderia já existir anteriormente, sendo talvez primitivamente um silo, antes de ser aproveitada como lixeira doméstica, no decurso do Calcolítico Pleno. Prova desta realidade é a existência de outra estrutura análoga, com utilização de época anterior, entre o Neolítico Final e o Calcolítico Inicial, existente no espaço contíguo, e onde não foi identificada qualquer prática ritual comparável. Foi, pois, no Calcolítico Pleno que se procedeu ao ritual identificado, o qual, ao contrário do verificado em Vila Nova de São Pedro, não se destinou a sacralizar o espaço, encontrando-se, antes, relacionado com o culto dos grandes bovinos pela sua importância económica para o próprio quotidiano destas populações.

Mais próximos desta realidade, são os exemplos identificados em “povoados de silos” do Bronze Antigo e Pleistoceno da região de Madrid. Pese embora serem diferentes as épocas destas ocorrências, face à ocupação do Carrascal, é nítida a semelhança das realidades observadas. Assim, no silo 76-78 do sítio de Getafe, Madrid, pertencente ao Horizonte Protocogotas, datado, para dois *sigma*, entre 1700 e 1520 cal BC, identificaram-se cinco porções anatómicas de outros tantos bovídeos, com ausência de elementos cranianos e de extremidades articulares, pertencentes a animais juvenis e, por conseguinte, com escasso interesse cárnico (LIESAU *et al.*, 2004).

Outro sítio, também dos arredores de Madrid, com idênticas características e cronologia, o Camiño de las Yeseras, San Fernando de Henares, revelou, entre os numerosos silos que o integravam, apenas duas situações que se reportam a práticas rituais. Com efeito, excluindo aquelas duas exceções, tratavam-se de acumulações compatíveis com actividades domésticas, incluindo fragmentos de cerâmicas e restos faunísticos diversificados, tal como o observado na Fossa 1 do Carrascal. Uma daquelas exceções reporta-se a uma sepultura humana; a outra (Fossa 319), correspondia a enchimento intencional constituído por restos, em conexão anatómica, de cinco bovídeos, dois ovinos/caprinos, um suídeo e um cão, dos quais nenhum tinha ainda atingido o estado adulto, revelando os segmentos anatómicos que as peças cárnicas foram depositadas cuidadosamente e num intervalo curto, no interior da depressão (LIESAU & BLASCO-BOSQUED, 2006). As autoras acrescentam que existem paralelos para a situação descrita na Meseta Ibérica, desde o Calcolítico, tornando-se mais abundantes na Idade do Bronze. Como aspectos dominantes e comuns a todas as ocorrências, referem a maior frequência, invariavelmente observada, de restos de bovinos, a presença de partes do crânio e da mandíbula, de quartos dianteiros ou traseiros e de elementos do esqueleto axial. Tal realidade está presente na Fossa 2 do Carrascal, onde é nítida a predominância de elementos cranianos e mandibulares, mas onde também ocorrem segmentos que se poderiam associar sem dificuldade a, pelo menos, um quarto dianteiro, sendo interessante a identificação de restos de um ou mais indivíduos subadultos, tal como se observou nos dois casos acima descritos.

Dos exemplos relevados pelas autoras, transparece a grande importância económica dos bovinos, a ponto de merecerem ritualização, em cerimónias que, nalguns casos, se podem relacionar com sacrifícios fundacionais dos respectivos povoados, de que citam, como exemplo, o sítio da Idade do Bronze do Cerro de la Hoya, Burgos.

Mas um dos exemplos mais notáveis da utilização ritual de bovinos foi identificado na estação do Neolítico Recente e Final (IV milénio a.C.) do Polideportivo de Martos (Úbeda, Granada). Ali, a escavação de diversas fossas de planta circular, conduziu à descoberta de inumações, tanto de animais, como de humanos. Entre aqueles, o cão e os bovinos são os mais importantes, encontrando-se representados por indivíduos completos. Tal evidência mostra que os bovinos, apesar do seu evidente valor cárnico, mesmo que sejam subadultos, como por é por vezes o caso, não foram consumidos, o que teria certamente um elevado custo (CÁMARA SERRANO *et al.*, 2008).

A ritualização de grandes bovídeos prosseguiu, no Calcolítico, como testemunham as observações realizadas em povoados da mesma região, como os de Marroquies (Jaén), Carmona e Almizaraque (Almería), conhecendo, nas necrópoles argáricas, uma das suas expressões mais interessantes. Bovinos e ovinos/caprinos seriam então consumidos em rituais de comensalidade, reservando-se um naco de carne, sempre de uma das extremidades, para o morto, simbolizando a sua participação efectiva na cerimónia, sendo os nacos de bovino reservados apenas aos indivíduos de maior estatuto social (ARANDA JIMÉNEZ & ESQUIVEL GUERRERO, 2007).

A importância simbólica conferida aos grandes bovinos extravasou, naturalmente, o território peninsular, tanto da Grã-Bretanha como da Itália (PEARSON, 1993; DAVIS & PAYNE, 1993; SARTI, 1998, *in* CÁMARA SERRANO *et al.*, 2008).

No caso do Carrascal, pelo menos um bovino foi consumido ritualmente – talvez antecedido de sacrifício – em acto que poderá ter congregado toda a comunidade, servindo, deste modo, como elemento agregador e de coesão social, sem ignorar a possibilidade de existência, à época, de uma hierarquização social incipiente baseada na

posse diferenciada de riqueza, onde certamente os bovídeos teriam papel de destaque. Porém, foi apenas o modo como alguns de tais restos se depositaram, no fundo de uma das duas fossas domésticas identificadas que conferem o carácter ritual à ocorrência em causa.

Em Portugal, além do povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro, a importância ritual dos grandes bovídeos encontra-se demonstrada por outros exemplos, que, através de uma investigação exaustiva poderiam ser significativamente aumentados.

É o caso da ritualização de restos de bovídeo em contexto doméstico calcolítico, observado por M. J. Sanches, no Crasto de Palheiros, Murça, com a deposição de dentes jugais – certamente inclusos no maxilar ou na mandíbula, ossos que, pela sua maior fragilidade, terão desaparecido – em estruturas pétreas (CARDOSO, 2005).

Outro expressivo exemplo é o do santuário exterior do Escoural, Montemor-o-Novo, onde se encontram representados numerosíssimos bucrânios, nas rochas aflorantes sobre as quais se construiu, em parte, o povoado fortificado calcolítico (GOMES, GOMES & SANTOS, 1983), pelo que a sua cronologia é de reportar ao final do Neolítico ou inícios do Calcolítico.

No domínio funerário, importa registar o caso da sepultura do Bronze Pleno do Sudoeste de Belmeque, Serpa, onde foram sepultados dois adultos, acompanhados de dois quartos dianteiros esquerdos de grande bovídeo, representados por dois cúbitos e dois rádios (LIESAU & BLASCO-BOSQUED, 2006), com evidentes paralelos na área argárica, como os referidos.

Estes exemplos – dos quais o identificado no Carrascal faz parte – sublinham o significado social de destaque conferido aos grandes bovídeos, desde pelo menos o Neolítico Final à Idade do Bronze, a partir de exemplos do território português, que se juntam aos anteriormente mencionados do território meseteno. Tal importância fundamenta-se na própria espécie a qual, além de proporcionar leite, carne e peles, constituía, no quadro da Revolução dos Produtos Secundários, um elemento fundamental, ao fornecer força motriz para a atrelagem a arados ou a carros. Com efeito, os inventários faunísticos identificados nos principais povoados calcolíticos evidenciam, de norte a sul do país, a sempre importante presença numérica da espécie (CARDOSO & DETRY, 2001/2002).

Foi esta importância económica dos grandes bovinos que conduziu e explica a sua ritualização, a qual, como atrás se referiu, pode envolver duas variantes: a sacralização de espaços, através de cerimónias fundacionais, como a observada em Vila Nova de São Pedro; e o culto da própria espécie, através da realização de rituais agro-pastoris, também eventualmente relacionados com o culto da fertilidade, tão expressivamente representado por um dos seus representantes mais relevantes, no quadro económico da época. É nesta última categoria que se pode enquadrar a ritualização dos despojos encontrados no fundo de um dos silos do Carrascal, aquando da sua reutilização, observada no decurso do Calcolítico Pleno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANDA JIMÉNEZ, G. & ESQUIVEL GUERRERO, J. A. (2007) – Poder y prestigio en las sociedades de la Cultura de El Argar. El consumo comunal de bóvidos y ovicápridos en los rituales de enterramiento. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 64(2), p. 95-118.
- CÁMARA SERRANO, J. A.; LIZCANO PRESTEL, R.; PÉREZ BAREAS, C. & GÓMEZ del TORO, E. (2008) – Aproximación, sacrificio, consumo y exhibición ritual de los animales en el Polideportivo de Martos. Sus implicaciones en los orígenes de la desigualdad social. *Cuadernos de Prehistoria Y Arqueología de la Universidad de Granada*. Granada. 18, p. 55-90.

- CARDOSO, J. L. (1997/1998) – O povoado do Neolítico Final do Carrascal, Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 25-33.
- CARDOSO, J. L. (2005) – Restos faunísticos do Crasto de Palheiros (Murça). Contributo para o conhecimento da alimentação no Calcolítico e na Idade do Ferro no Nordeste português. *Portvgalia*. Porto. N. S., 26, p. 65-75.
- CARDOSO, J. L. (2006) – A estação do Bronze Final do Cabeço do Mouro (Cascais): resultados das escavações realizadas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9 (1), p. 21-46.
- CARDOSO, J. L. & DETRY, C. (2001/2002) – Estudo arqueozoológico dos restos de ungulados do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 131-132.
- CARDOSO, J. L.; SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (2008) – A ocupação do Neolítico Antigo do povoado do Carrascal (Leceia, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras (Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira)*. Oeiras. 17, p. 247-267.
- GOMES, R. V.; GOMES, M. V. & SANTOS, M. Farinha dos (1983) – O santrúario exterior do Escoural (Montemor-o-Novo, Évora). *Zephyrus*. Salamanca. 36, p. 287-307.
- LIESAU v. Lettow-Vorbeck, C. & BLASCO BOSQUED, M. C. (2006) – Depósitos com fauna en yacimientos del Bronce Medio en la cuenca del Tajo. *IV Congreso de Arqueología Peninsular. Animais na Pré-História e Arqueologia da Península Ibérica* (Faro, 2004). Actas. Faro: Universidade do Algarve., p. 81-92 (Promontoria Monográfica, 03).
- LIESAU v. Lettow-Vorbeck, C. *et al.* (2004) – El depósito ritual del fondo 76-78¹ de la fábrica de ladrillos (Getafe, Madrid). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Universidad Autónoma de Madrid*. Madrid. 30, p. 47-56.
- PAÇO, A. do (1943) – Uma vasilha de barro, de grandes dimensões, do “castro” de Vila-Nova-de-São-Pedro. *IV Congresso Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. (Porto, 1942). 7^a. Secção – Ciências Históricas e Filológicas*. Actas. Porto: Imprensa Portuguesa, 8, p. 132-143.